

Engajemo-nos todos na luta contra o SIDA

N. 17/3/88

— excerto comunicado divulgado pelo Ministério da Saúde sobre a matéria

O Ministério da Saúde, em representação do governo moçambicano, distribuiu ontem, em Maputo, o comunicado que passamos a transcrever na íntegra e no qual são exortados todos os cidadãos a engajarem-se na luta contra a pior epidemia do nosso século, o Síndrome de Imunodeficiência Adquirida —SIDA.

Como é do conhecimento público, o mundo está perante um dos maiores desafios sanitários de que se tem conhecimento nos nossos tempos: a epidemia do Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

Pela sua extensão, esta epidemia, que afecta já cerca de 130 países, é considerada uma pandemia. Pelo número de indivíduos doentes (mais de 75 000 em Janeiro de 1988) e pela quantidade de indivíduos infectados (entre 5 e 10 milhões), que vão desenvolver a doença nos próximos anos, o SIDA é já um grave problema para a saúde pública mundial. Esta doença atinge tanto países desenvolvidos como países em vias de desenvolvimento. Para estes últimos, a situação é particularmente séria, pois vai agravar outros problemas de saúde já existentes, como sejam a malária a tuberculose, o sarampo e outras doenças infecciosas responsáveis pela mortalidade infantil. Por outro lado, os êxitos já conseguidos com a estratégia dos Cuidados de Saúde Primários poderão vir a ser afectados, devido à necessidade de desviar recursos para fazer face a esta pandemia.

A República Popular de Moçambique não está livre do SIDA. A existência de indivíduos infectados pelo vírus causador da doença, na população moçambicana, é já um facto comprovado. Os resultados preliminares obtidos de um inquérito nacional que está a ser levado a cabo pelo Ministério da Saúde mostram que a prevalência de indivíduos infectados, isto é, indivíduos já atingidos pelo vírus mas que ainda não desenvolveram sintomas da doença, varia entre 1 e 3%, em diferentes grupos populacionais, que incluem população urbana das principais cidades do País, das zonas de fronteira e populações deslocadas pela guerra.

Destes números se pode estimar que entre 12 000 e 52 000 indivíduos estejam já infectados pelo vírus e, segundo estatísticas mundiais, nos próximos cinco anos entre 1200 e 16 000 desses infectados vão desenvolver a doença.

Por outro lado, até 31 de Janeiro de 1988, já foram diagnosticados no País 6 (seis) casos desta doença, sendo um estrangeiro. Dos cinco moçambicanos, nenhum apresentava história de viagens para fora do País ou contacto com estrangeiros. Do total dos seis doentes, dois faleceram e os restantes quatro encontram-se em tratamento.

Assim, ainda que não seja agora visível, o SIDA é já um problema de saúde para Moçambique, que vem agravar outros que o País enfrenta, causados pelas calamidades naturais e pela guerra de agressão.

O SIDA transmite-se principalmente, através do sangue e secreções sexuais (esperma e secreções vaginais). É igualmente importante notar que esta doença não se transmite através de:

- Apertos de mão e abraços;
- Uso de instalações e utensílios sanitários (latrinas, chuveiros, bacias, etc.);

Uso de piscinas, ginásios e outras instalações desportivas, visitas a doentes hospitalizados;

Uso de talheres e copos;

Picadas de mosquitos;

Outras vias que não impliquem contacto com o sangue ou secreções sexuais.

O que torna particularmente difícil o combate a esta doença é a falta de uma vacina para a sua prevenção e de medicamento eficaz ao seu tratamento, embora estudos estejam a decorrer em diversas partes do mundo. Neste contexto, a única forma de luta contra a doença é através de um comportamento sexual seguro e adopção de medidas que previnam a transmissão da infecção através do sangue.

O Ministério da Saúde adoptou já um Programa Nacional de Prevenção e Controlo do SIDA, ao qual está a ser dada prioridade pelas estruturas do Partido e Estado. Este programa, que conta com amplo apoio internacional, consta dos seguintes componentes principais:

- Estudo da extensão da infecção e sua evolução ao longo do tempo;
- Educação sanitária à população, envolvendo estruturas do Partido e Estado, órgãos de Informação, organizações democráticas de massas e sócio-profissionais, organizações humanitárias e Instituições religiosas;
- Prevenção da transmissão através do sangue, o que implica reforço das técnicas de esterilização do material usado nas unidades sanitárias (agulhas, seringas, etc.) e pesquisa de anticorpos, antivírus no sangue doado;
- Apoio social aos doentes com SIDA e suas famílias.

Grande parte das medidas preconizadas no programa já estão em curso. Neste momento decorrem em várias províncias seminários de capacitação dos trabalhadores da Saúde, com vista ao aumento dos seus conhecimentos sobre a doença e sua prevenção.

Inquéritos serológicos com o objectivo de se obter maior conhecimento sobre a extensão desta epidemia continuam também a ser realizados, entre doadores de sangue e outros. Capacidade laboratorial de diagnóstico da doença será estendida aos hospitais provinciais ao longo do presente ano.

Devê-se frisar que a implementação completa do programa, só por si, não vai travar a disseminação da infecção, se os indivíduos não adoptarem um comportamento sexual seguro, que inclui fidelidade conjugal e uso de preservativos nos contactos sexuais ocasionais. Se cada cidadão se comprometer de que tem um papel a desempenhar na luta contra o SIDA, muito sofrimento poderá ser evitado e muitos sucessos serão obtidos.

O Governo da RPM aderiu à Declaração de Londres, que recomenda:

- Não discriminação dos portadores e doentes do SIDA;
- Respeito pela dignidade humana;
- Não exigência de certificados especiais para a entrada no País; e
- Não isolamento de doentes ou portadores.

Maputo, 16 de Março de 1988